

**USO DOS PARQUES PÚBLICOS COMO ATRATIVO TURÍSTICO E
FORMAÇÃO DA IMAGEM LOCAL: ESTUDO SOBRE O PARQUE ARRUDA
CÂMARA - JOÃO PESSOA/PB**

Ilana Barreto Kiyotani

Mestre em Geografia pela UFPB
Professora do Bacharelado em Turismo – UFPB
E-mail: ilana.kiyotani2@gmail.com

Luana da Silva Rocha

Bacharel em Turismo – UFPB.
E-mail: luluk.jp@hotmail.com

Tais Alexandre A Paes

Mestre em gestão Organizacional pelo PPGA-UFPB
Professora do Bacharelado em Turismo – UFS.
E-mail: taletunes@yahoo.com.br

RESUMO

Em diversas regiões e localidades a atividade turística vem contribuindo para a valorização e a preservação de áreas naturais e ambientais. Na busca de localidades e ambientes mais próximos da natureza, visitantes, turistas e moradores buscam, cada vez mais, os parques urbanos para a visita, aprendizado e lazer. Assim, o presente trabalho visa realizar uma discussão sobre os parques públicos e seu uso para o turismo como ferramenta de publicização de uma cidade, considerando como objeto de estudo o Parque Zoobotânico Arruda Câmara - João Pessoa/PB. Para analisar o uso turístico do parque Arruda Câmara, entrevistas *in loco* foram realizadas com o gestor do parque e com representantes da secretaria municipal de turismo. Como principais resultados observou-se que o parque não é divulgado como atrativo turístico, apesar da existência de futuros projetos para um melhor uso turístico do mesmo.

Palavras - chave: Parque urbano. Turismo. Imagem.

**USE OF PUBLIC PARKS AS A TOURIST ATTRACTION AND FORMATION
OF THE LOCAL IMAGE: STUDY ON THE PARK ARRUDA CÂMARA -
JOÃO PESSOA/PB**

Ilana Barreto Kiyotani

Mestre em Geografia pela UFPB
Professora do Bacharelado em Turismo – UFPB
E-mail: ilana.kiyotani2@gmail.com

Luana da Silva Rocha

Bacharel em Turismo – UFPB.
E-mail: luluk.jp@hotmail.com

Tais Alexandre A Paes

Mestre em gestão Organizacional pelo PPGA-UFPB
Professora do Bacharelado em Turismo – UFS.
E-mail: taletunes@yahoo.com.br

ABSTRACT

In a lot of regions and localities tourist activity has contributed to the enhancement and preservation of natural and environmental areas. In locations and environments closer to nature, visitors, tourists and residents search for urban parks for visitation, learning and leisure. The present study aims at a discussion of the public parks and its use for tourism as a publicity tool of a city, considering as object of study the Zoo and Botanical Park Arruda Câmara - João Pessoa / PB. To analyze the tourist use of Arruda Câmara park, on-site interviews were conducted with the park manager and representatives of the municipal tourism office. The main results indicates that the park is not disclosed as a tourist attraction, despite the existence of future projects for better tourist use of it.

Key-words: Urban Park. Tourism. Image.

De interesse principalmente de gestores e moradores locais, os parques públicos têm diversas funções, desde a preservação e conservação da biodiversidade à sociabilidade e, também, ao turismo. Seja por seu uso socioambiental ou econômico, os parques públicos atraem visitantes de todas as classes sociais e possibilitam momentos de lazer, relaxamento, atividades físicas, culturais, etc.

Em vários lugares do mundo, incluindo cidades brasileiras, os parques têm ilustrado o imaginário dos futuros turistas. Ou seja, a presença e uso dos parques em dados locais têm feito de sua paisagem “moeda de venda”. Assim, gestores turísticos municipais aproveitam-se da boa repercussão do uso e imagem dos parques para atrair turistas, distribuindo e afirmando/associando a existência e utilização dos mesmos como qualidade de vida, que, por sua vez, é motivadora de deslocamentos para conhecer o local.

Sob esse contexto, apresenta-se neste estudo uma discussão sobre os parques públicos e seu uso para o turismo como ferramenta de publicização de uma cidade, considerando como objeto de estudo o Parque Zoobotânico Arruda Câmara - João Pessoa/PB. Para tal, pesquisas bibliográficas foram realizadas sobre a temática em livros, artigos e sites de municípios. Além da pesquisa bibliográfica foi realizada uma entrevista *in loco* com o gestor do Parque Zoobotânico Arruda Câmara. Além desta, entrevistas também ocorreram com representantes da secretaria municipal de turismo para saber a percepção do poder público em relação aos usos turísticos do parque.

PARQUES PÚBLICOS: USO TURÍSTICO E FORMAÇÃO DA IMAGEM

A Revolução industrial no séc. XVIII trouxe consigo mudanças econômicas, sociais e políticas para a sociedade. Mudanças que contribuíram para o processo de urbanização e o crescimento das cidades através da construção de habitações e prédios comerciais em detrimento dos espaços naturais (MELO; DIAS, 2012). Esse crescimento teve suas consequências: trânsito, sujeira e poluição, mau cheiro e espaços de pobreza. Todos esses problemas, por conseguinte, fizeram o governo na época criar ações de reformas sanitárias, com leis de saúde pública, limpeza e higiene da cidade, construção de espaços verdes para lazer da população e melhoria da qualidade do ambiente (MELO; DIAS, 2012).

Segundo Moro (1976), a constante urbanização

nos permite assistir, em nossos grandes centros urbanos, à problemas cruciais do desenvolvimento nada harmônico entre a cidade e a natureza. Assim, podemos observar a substituição de valores naturais por ruídos, concreto, máquinas, edificações, poluição, etc..., e que ocasiona entre a obra do homem e a natureza crises ambientais cujos reflexos negativos contribuem para a degeneração do meio ambiente urbano, proporcionando condições nada ideais para a sobrevivência humana. (MORO, 1976, p. 15, *apud* LOBODA; ANGELIS, 2005, p. 130)

Tanto para a salubridade urbana quanto para o paisagismo e o bem-estar psíquico dos usuários da cidade, as áreas verdes são fundamentais. As mesmas configuram-se como “áreas livres na cidade, com características predominantemente naturais, independente do porte de vegetação” (MILANO, 1993 *apud* BENINI e MARTIN, 2010, p. 65), ou como “um tipo especial de espaços livres onde o elemento fundamental de composição é a vegetação” (CAVALHEIRO, 1999 *apud* BENINI; MARTIN, 2010, p. 65).

Inúmeros são os benefícios que as áreas verdes trazem ao ambiente como um todo: preservação da biodiversidade, dos recursos hídricos e equilíbrio ecológico; redução da poluição; melhoria da qualidade do ar que se reflete na qualidade da saúde da população; regulação do microclima; conscientização da importância de se preservar o meio ambiente através da prática da educação ambiental; bem como proporcionar relaxamento e alívio do estresse, por ser um lugar tranquilo em contraposição à agitação da própria cidade.

Espaços cuja característica predominante é a presença de vegetação arbórea são classificados em jardins, praças ou parques urbanos (LIMA *et al.*, 1994 *apud* FERREIRA, 2005). Esses três termos se diferenciam no que diz respeito as suas funções e extensão territorial. Guzzo (1999, *apud* LOBODA; ANGELIS, 2005) diz que estes devem cumprir três funções: estética, embelezando a cidade; ecológica, protegendo a biodiversidade animal e vegetal da área; e de lazer, proporcionando descanso, recreação e interação social para a população.

O Jardim apresenta-se como um espaço para o cultivo e apreciação de plantas e flores. Richter (1981, *apud* LOBODA; ANGELIS, 2005, p. 2005) define jardins como um espaço cuja finalidade é “a ornamentação, de reduzida importância com relação à interação com o meio e sem função recreacional”.

A praça é tida como uma área arborizada, apresentando jardim ou não, destinada à realização de atividades cívicas, religiosas, políticas e recreativas (SILVA, 2008, *apud* BENINI; MARTIN, 2010). Cabe ressaltar que se uma praça não possuir vegetação e for impermeabilizada, ou seja, somente apresentar espaços calçados, não pode ser considerado uma área verde (LIMA *et al*, 1994 *apud* CAPORUSSO; MATIAS, 2008).

Já os parques urbanos objeto de interesse desse artigo, são definidos como “grandes espaços verdes localizados em áreas urbanizadas de uso público com o intuito de propiciar recreação e lazer aos seus visitantes” (Secretaria de Meio Ambiente/SMA do Estado de São Paulo).

O parque difere de um jardim ou praça, pois, além de sua função recreativa, também contempla atividades ligadas à educação e conservação ambiental. Nesse sentido, Macedo e Sakata (2002) definem os parques urbanos como “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação” (MACEDO; SAKATA, 2002, *apud* FERREIRA, 2005, p. 13).

O ritmo frenético de trabalho da nossa sociedade globalizada tem gerado a necessidade da construção de espaços como estes, imprimindo novas funções aos parques. Estes passam a se configurar como espaços públicos utilizados para fins sociais, culturais, ambientais e científicos que contribuem para a interação social entre as pessoas através de atividades recreativas, culturais, esportivas e educativas; para a melhoria de vida da população, pois melhoram o clima da área onde estão localizados; e para a preservação ambiental.

Desta forma, conforme é colocado por Melo e Dias (2012) os parques urbanos são como antídotos para os males urbanos havendo a melhora do clima urbano que se contrapõe com as construções urbanas, promovendo a diminuição da poluição do ar e o contato com a natureza.

Assim, diante destes inúmeros benefícios e usos, os parques públicos podem ser constituídos como potenciais produtos turísticos. Por conseguinte, sua utilização para todos estes fins – sociais, recreativos, científicos, culturais e principalmente educativos e ambientais – valoriza-lhes podendo contribuir para a formação e fortalecimento da imagem do destino onde estão localizados.

USO TURÍSTICO DOS PARQUES PÚBLICOS URBANOS

A apropriação dos parques urbanos pelo turismo amplia o leque de funções que os são atribuída. Sua utilização como ferramenta de lazer e recreação, bem como a gama de atividades que podem ser desenvolvidas nesses espaços, lhe conferem grande potencial para o seu desenvolvimento como produto turístico de uma cidade.

Diante das discussões sobre os problemas ambientais existentes em todo o mundo, tem-se no uso dos parques, como também dos inúmeros espaços naturais, uma estratégia de conscientização e preservação da biodiversidade¹. A realização de atividades educativas com os visitantes e de pesquisas científicas, no parque, se tornam um diferencial que acaba por atrair turistas que compartilham, apoia e pratica a ideia da sustentabilidade.

A demanda por destinos com qualidade ambiental vem crescendo muito, uma vez que a globalização tem tomado conta das grandes cidades com a construção de inúmeros prédios, em detrimento dos espaços naturais (GÂNDARA, 2008). Por conseguinte, as cidades que possuam áreas naturais, cada vez mais raras, têm nesses espaços um diferencial que as valoriza, contribuindo para o seu desenvolvimento e o do turismo, tornando-as competitivas nesse mercado. “Um destino que possa oferecer qualidade ambiental a pessoas que não a tem em sua cidade de origem, sem dúvida, terá êxito” (HART, 2000, *apud* GÂNDARA, 2008, p. 11).

As diversas atividades esportivas, culturais, recreativas e educativas, bem como o próprio espaço que proporciona a interação social e o contato com a natureza, podem ser considerados atrativos, pois proporcionam aos turistas aquilo que ele procura, seja diversão, relaxamento, aprendizado, etc. Assim sendo,

as cidades passam a projetar praças e parques públicos a serem utilizados para o lazer de seus munícipes e que, simultaneamente, contribuem para que a paisagem urbana se torne valorizada e apreciada de modo a atender novos consumidores, advindos de outras cidades e que expressam interesse em conhecer tais espaços. (RIBEIRO e SILVEIRA, 2006, p. 314)

O parque Ibirapuera (Figura 03) é um bom exemplo quando se fala nessa ampliação de funções. Inaugurado em Agosto de 1954 na comemoração dos 100 anos da cidade de São Paulo, possui uma área de aproximadamente 1,6 milhões de m², constituída pelos mais variados elementos: lagos, jardins, pista de Cooper, parque infantil, lanchonetes,

¹ Olmos (2011, p. 16) define Biodiversidade como “a diversidade de genes, espécies e ecossistemas em um espaço geográfico definido [...]”.

ciclovias, fontes multimídia, quadras poliesportivas, aparelhos de ginástica, escola de jardinagem, planetário, Escola de Astrofísica, museu, Pavilhão das Culturas Brasileiras, etc., além é claro da fauna e flora riquíssimas. No parque também há a realização de eventos.

Toda essa diversidade de atividades em um só lugar, o parque, comprova o real potencial desses espaços para a atividade turística. Ofertando recreação, entretenimento, descanso, cultura e conhecimento o Ibirapuera é um dos locais mais visitados em São Paulo tanto pela sua população, quanto pelos turistas que vão à cidade.



Figura 03: Vista aérea do Ibirapuera.
Fonte:
<http://www.parquedoibirapuera.com>



Figura 04: Planetário do Parque
Fonte: :
<http://www.parquedoibirapuera.com>



Figura 05: Museu de arte do Parque
Fonte: :
<http://www.parquedoibirapuera.com>

Considera-se assim que os parques através de todos os seus benefícios e utilidades, contribuem para a qualidade de vida dos moradores da cidade e do ambiente, apresentando-se como local para lazer e práticas de conscientização ambiental e para a valorização do espaço urbano criando condições para que o turismo se desenvolva nesse espaço (RIBEIRO e SILVEIRA, 2006).

OS PARQUES URBANOS COMO FORMADORES DA IMAGEM DE UM DESTINO

Os parques, assim como as diversas áreas verdes urbanas, são consequência dos ideais modernistas do séc. XIX. A preocupação com a higiene, com a qualidade de vida e com o embelezamento das cidades fez surgir a necessidade de implantação desses espaços (MELO e DIAS, 2012). Alguns destes ao longo do tempo tornaram-se representativos do planejamento urbano de determinadas cidades contribuindo para a formação da imagem destas.

Um dos quesitos para a formação de uma imagem eficaz é o diferencial (KOTLER *et al*, 2006). O crescimento do turismo gera a criação de inúmeros produtos turísticos nos

mais diversos cantos do mundo. Por sua vez, o crescente número de destinos provoca uma acirrada concorrência que os obriga a inovar constantemente procurando diferencial que os destaquem dos demais.

Assim, os destinos que possuem áreas verdes e que as preservam têm nelas o seu diferencial, pois como já exposto, existe hoje, uma busca por parte dos turistas por lugares em que ele possa estar em contato com a natureza e que lhe proporcione bem-estar. As cidades, que zelam e utilizam seus parques para a prática da educação ambiental e da sustentabilidade, podem se aproveitar desse aspecto promovendo esses espaços com o intuito de criar e fortalecer sua imagem, aliada à preocupação com a questão ambiental.

Que um destino turístico tenha a possibilidade de ter sua imagem relacionada com a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente, sem dúvida, é algo que deve ser valorado muito positivamente, principalmente se esta imagem corresponder com a realidade, já que são muitos os destinos que buscam relacionar-se com ela, porém são poucos os que podem tê-la como ‘diferencial’ efetivo (GÂNDARA, 2008, p.11)

A cidade de Curitiba é um modelo dessa utilização de parques e outras áreas verdes na formação da imagem. Curitiba tem um longo histórico de acontecimentos que contribuíram para sua intitulação como “capital ecológica”. Seu planejamento urbano, desde meados da sua fundação em 1693, é marcado por ações voltadas para a organização da cidade, para o bem-estar da população e para a preservação do meio ambiente (RIBEIRO e SILVEIRA, 2006).

A construção das casas na época da sua constituição precisava de autorização da Câmara e tinham de ser cobertas com telhas; as ruas em construção não podiam ficar inacabadas. O primeiro parque criado na cidade foi o Passeio Público em 1886 com o objetivo de proporcionar à população um espaço para lazer. Esta iniciativa foi o primeiro passo para as posteriores ações de criação de espaços verdes que serviam também para proteger as margens dos rios, pois eles eram estabelecidos intencionalmente de forma a englobar os estes (RIBEIRO e SILVA, 2006).

Na década de 1950 o planejamento urbano da cidade voltou-se para a preservação ambiental com o estabelecimento de regras para a destinação do lixo e extração de areia em terrenos não ocupados, e em meados de 1980 a cidade passou a contemplar ações sociais e práticas de educação ambiental nos parques (RIBEIRO e SILVEIRA, 2006).

Curitiba continuou a promover iniciativas nas áreas de meio ambiente, transporte, habitação, saúde, educação e geração de emprego e renda. Esta e outras ações nomearam a cidade segundo a municipalidade de 'capital ecológica'[...]. (RIBEIRO e SILVEIRA, 2006, p. 312)

Percebe-se que o planejamento de Curitiba calcado no desenvolvimento organizado da cidade e na construção de áreas verdes voltadas para a qualidade de vida da população, foi responsável pela formação de sua imagem de cidade ecológica, construída ao longo do tempo e reforçada através da sua ampla divulgação associada ao uso responsável dos seus parques.

Os investimentos do governo curitibano em campanhas promocionais contribuíram para a valorização dos parques tornando-os pontos turísticos. A cidade possui cerca de 81 milhões de m² de área verde preservada contando ao todo com 26 parques, cuja maioria está inserida no seu roteiro turístico.

Segundo Ribeiro e Silveira (2006) os parques são os atrativos mais visitados em Curitiba. Para comprovar esta assertiva, os autores apresentaram informações do itinerário implantado pela Secretaria municipal de Turismo chamado Linha Turismo² composta por 25 atrativos, oito dos quais são parques e bosques; foram mostrados também dados da Pesquisa de Demanda da Paraná Turismo (Secretaria Estadual de Turismo) nos anos de 2000, 2001 e 2003 que demonstraram os atrativos mais visitados da cidade. Em 2000 e 2001, a pesquisa mostrou que o atrativo mais visitado foi o Jardim Botânico (Figura 9). Os parques Barigui (Figura 11) e Tanguá (Figura 12) ficaram em 3º e 4º lugar em 2000, respectivamente, e alternaram suas posições em 2001.



Figura 08: Jardim Botânico de Curitiba
Fonte: Site Guia geográfico Curitiba <http://www.curitiba-parana.net>



Figura 09: Parque Barigui, Curitiba
Fonte: Site Guia geográfico Curitiba <http://www.curitiba-parana.net>



Figura 11: Jardim do parque Tanguá, Curitiba
Fonte: Site Guia geográfico Curitiba <http://www.curitiba-parana.net>

² A linha turismo é uma rota turística que passa por vários atrativos da cidade de Curitiba.

Essa valorização, por sua vez, que num primeiro momento corroborou com a formação da imagem da cidade, agora contribui para o seu fortalecimento através de pesquisas voltadas à recuperação de ecossistemas, trabalhos científicos de interesse geral e práticas de educação e preservação do meio ambiente realizados em seus parques, jardins botânicos e demais espaços verdes.

Percebe-se, portanto, a importância dos espaços verdes para as cidades. Cumprindo suas três funções principais, proporcionando lazer e descanso aos visitantes, sendo utilizado para ensinar a educação ambiental e os princípios da sustentabilidade, além de embelezar o ambiente, os parques projetam-se destacadamente frente aos demais espaços artificiais contribuindo para o crescimento do turismo e para a criação da imagem das cidades, sendo seu principal elemento de formação.

O PARQUE ZOOBOTÂNICO ARRUDA CÂMARA

O objeto de estudo situa-se na capital do estado da Paraíba, nordeste brasileiro. A cidade de João Pessoa tem crescido visivelmente, seja em área ou em números populacionais, sendo considerada a terceira cidade mais antiga do Brasil, possuindo vários monumentos históricos entre casarios, igrejas e prédios. Mas também é privilegiada por contemplar áreas verdes remanescentes de Mata Atlântica que colaboram para a melhor qualidade de vida na cidade e para a preservação de espécies ameaçadas de extinção. Uma dessas áreas é o Parque Zoobotânico Arruda Câmara, espaço de grande importância para a cidade, pois representa parte de sua história e um local para lazer, estudo e conhecimento.

Fundado em 24 de Dezembro de 1922, o Parque Arruda Câmara, localizado no centro da cidade no bairro do Roger, possui uma área de 26,4 hectares com remanescentes de Mata Atlântica³.

³ As informações sobre o histórico e infraestrutura do Parque Arruda Câmara foram adquiridas através do contato com pessoal que trabalha no parque e no seu site: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/>

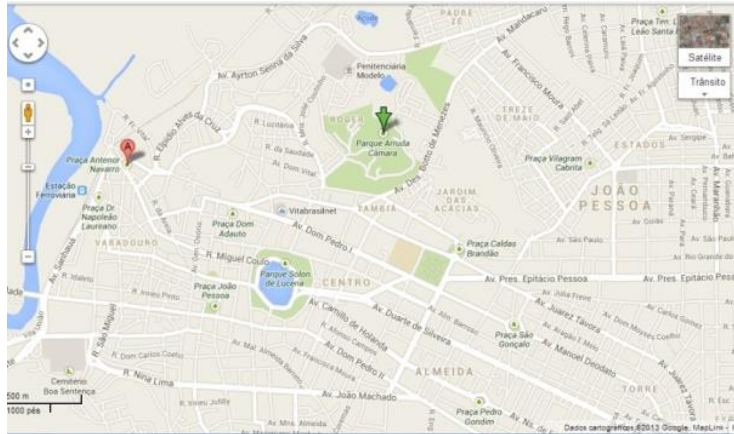


Figura 12: Mapa de localização do Parque
Fonte: Google Maps, 2013

Sua origem data de 1831, quando a Fazenda Pública adquiriu 90 braços de terreno no qual existia uma fonte de água feita de madeira – construída em 1782 com donativos da população, que abastecia a cidade. Em 1889 a administração de Gama e Rosa reconstruiu a fonte em pedra-sabão. Em 1922, o então prefeito Walfrêdo Guedes Pereira, fundador do parque, restaurou novamente a fonte e ampliou a área do parque com a aquisição da Fazenda Paul, localizada nas imediações, além de colocar espécies da fauna e flora nativas da região. Em 1995, em nova reforma construiu-se o lago das cinco fontes.



Figura 13: Entrada do Parque Arruda Câmara
Fonte: : <http://www.pequenodavi.org.br>



Figura 14: Fonte de Tambiá
Fonte: : <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobic>
 a

O parque recebeu do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em 1999, o registro de zoológico, passando a denominar-se Parque Zoobotânico Arruda Câmara. Seu nome homenageia o renomado botânico

paraibano Manuel de Arruda Câmara. Nascido em Pombal, Câmara formou-se em medicina pela Universidade de Montpellier na França, e pesquisou a flora brasileira publicando várias obras sobre ela, o que lhe conferiu um lugar na Academia Paraibana de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba – IPHAEP.

Em referência à famosa e histórica fonte que o acompanha deste a aquisição de suas terras, o parque é popularmente conhecido como “Bica” e esta possui uma lenda sobre a sua criação. Conta-se que uma índia da tribo Potyguara chamada Aipré apaixonou-se por um guerreiro da tribo inimiga Cariri, Tambiá; este foi ferido em batalha e preso pelos potiguaras. Por sua valentia, lhe foi concedida Aipré como sua noiva de morte. Após a morte de Tambiá, a índia chorou durante 50 luas e de suas lágrimas nasceu a fonte de Tambiá.

Quanto à fauna, o parque conta ao todo com 512 animais, sendo 130 aves (52 espécies), 60 mamíferos (19 espécies) e 322 reptéis (22 espécies). A maior parte são animais nativos do Brasil; 7,5% são oriundos de outros países. A equipe técnica que cuida dos animais é composta por biólogos, veterinários, zootecnistas e tratadores responsáveis pelo manejo e manutenção dos bichos e dos recintos.



Figura 15: Gavião-do-rabo-barrado (*Buteo albonotatus*). **Fonte:** Rocha, 2011



Figura 16: Arara-Canindé (*Ara ararauna*) **Fonte:** Rocha, 2011



Figura 17: Ilha dos macacos **Fonte:** Rocha, 2011



Figura 18: Lago das cinco fontes **Fonte:** Rocha, 2011

Já a vegetação da área, remanescente de Mata Atlântica, abriga muitas espécies, algumas ameaçadas de extinção.



Figura 19: Pau-Brasil (*Caesalpinia echinata*).
Fonte: :
<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/>



Figura 20: Ipê amarelo (*Tabebuia serratifolia*).
Fonte: :
<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/>

O Projeto de Requalificação pelo qual passou em 2010 trouxe melhorias aos animais de pequeno porte. Na primeira etapa houve a construção e reforma dos recintos das aves, repteis e pequenos mamíferos e iniciou-se a reforma da fonte. Foram construídos o museu de animais empalhados, no qual os visitantes ouvem um pouco da história do parque e aprendem sobre o cuidado com os animais e plantas, e a Oca, também voltada para a educação ambiental aos grupos de alunos que vão à Bica, com a apresentação de um vídeo que apresenta normas de como se comportar durante a visitação e a importância de se preservar a biodiversidade.



Figura 21: Museu de animais empalhados
Fonte: :
<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/>



Figura 22: Oca – espaço para educação ambiental
Fonte: :
<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/zoobica/>

A segunda parte do projeto será de muita importância, pois contemplará o aumento dos recintos dos animais maiores que atualmente são muito pequenos; também será

reformado o parque infantil e construída uma praça de alimentação, os quiosques existentes estão desativados.

O parque proporciona lazer e contato com a natureza, além de ser um instrumento de conscientização e preservação. Dessa forma valoriza a cidade por manter um espaço de grande importância para a qualidade do ambiente, para a conservação de espécies animais e vegetais e para a história dela própria.

ENTREVISTAS

No intuito de obter informações sobre a visitação do Arruda Câmara e sobre a existência ou não de interesse na utilização deste como atrativo turístico da cidade, foram realizadas entrevistas com seu atual gestor, em 13 de Agosto de 2013, e com dois funcionários da SETUR JP, o Sr. Diretor de Desenvolvimento Institucional, e o Sr. Chefe de divisão de Formatação de produtos Turísticos, em 21 de Agosto.

Segundo o gestor do Parque, a média mensal de visitantes é de 15 e 20 mil pessoas, sendo o fluxo maior nos fins de semana. Porém, não há dados sobre a visitação de turistas. Geralmente estes aparecem mais no período de férias, em grupos, ou sozinhos e por conta própria. É compreensível essa falta de visitação por turistas e de controle sobre a visita destes, uma vez que o atrativo não é mencionado nas campanhas promocionais da cidade, dificultando o seu conhecimento por este público.

Já os grupos escolares são frequentes. Em todos os dias úteis da semana, exceto na segunda, em que o parque é fechado, podem ser encontrados alunos de escolas da cidade e do interior, como também de outros estados vizinhos. O parque é dessa forma, uma importante ferramenta educacional, sendo utilizado para conscientizar os cidadãos em formação, alunos, da importância do meio ambiente para qualidade de vida de todos.

Quando questionado sobre o interesse da SETUR, tanto em gestões anteriores quanto na atual, em promover o espaço turisticamente, o mesmo afirmou que nunca houve movimento nesse sentido por parte da SETUR nos governos passados, mas a atual já está com um projeto para o local, e que estão conversando sobre o assunto. Para o entrevistado esse novo posicionamento do órgão se deve muito à reforma que aconteceu no local recentemente, em 2010, que melhorou a infraestrutura do local e o deixou mais “bonito”. Realmente, o espaço antes da reforma não chamava a atenção esteticamente,

era muito simples, o que segundo o Diretor de Desenvolvimento Institucional⁴ da SETUR, não era interessante mostrar aos turistas.

Sobre a proposta de inserção do parque no roteiro turístico, seu gestor disse que ele pode ser aproveitado por qualquer público, pois a sua multidisciplinaridade o permite atender a vários setores da sociedade, proporcionando lazer, sendo utilizado para pesquisas e instrumento de educação ambiental. Além disso, ele destaca essa última função do parque, sobre sua importância para o meio ambiente, ao afirmar que:

O parque foi criado com a intenção de dar uma opção de lazer para a população e como zoológico ele tem uma função primordial de preservação de espécies como também de trabalhar com a educação ambiental, trabalhar com a sustentabilidade e dar esperança a espécies que estão ameaçadas de extinção.

Promover o parque valoriza-o, possibilitando a melhoria contínua do mesmo através da obtenção de mais recursos, segundo este entrevistado. Nesse sentido, haver uma parceria entre a SETUR e a Secretaria de Meio Ambiente (SEMAM) da cidade, unindo turismo e preservação ambiental no Arruda Câmara, só tem a contribuir para a melhoria deste.

Tornar a Bica um dos componentes turísticos de João Pessoa diversifica a oferta para os turistas, valoriza-o, contribui para um maior investimento do setor público neste - melhorando sua estrutura, bem como os cuidados com a fauna e a flora - e para a conscientização ambiental dos visitantes.

Conforme informou o gestor, este não é muito visitado pelos turistas que vem a cidade, sendo o público visitante predominantemente nativo. Para o Diretor de DI da SETUR isso se deve a falta de estrutura do parque antes da reforma que aconteceu há pouco tempo. Ele considerava-o sujo e com mau cheiro, e declarou que ocorriam maus tratos com os animais.

Entretanto, mais do que a falta de estrutura, isso se deve principalmente a falta de divulgação do espaço não só para os turistas, mas também para a própria população da cidade. Constatou-se esse fato através do questionário aplicado aos visitantes em que estes avaliaram a divulgação do parque como fraca, afirmando e sua maioria nunca terem visto nenhuma propaganda sobre o mesmo.

⁴ A partir de agora mencionado apenas como Diretor de DI para facilitar a leitura.

Já o Chefe de Divisão de Formatação de Produtos Turísticos⁵, e guia turístico, considera causa da pouca visitação de turistas, a falta de tempo para os receptivos levarem estes a todos os pontos da cidade. Os roteiros elaborados pelos receptivos duram em torno de três a quatro horas, então se procura mostrar os monumentos históricos da cidade, como igrejas, praças, casarios e artesanato local.

Ainda segundo este, grandes metrópoles, como São Paulo e Belo Horizonte, “não tem uma parte histórica rica” então os turistas dessas cidades “preferem visitar nossos monumentos históricos”. Há o roteiro do parque para as escolas, pois “esse é um público que dá para se levar l ”. O parque é um monumento histórico da cidade; se os turistas vêm para conhecer sua história, torna-se falho não identificar o atrativo “Bica” como parte desta, mesmo este tendo curta duração.

Outro ponto que se deve atentar   o comentário err neo ao exemplificar São Paulo e Belo Horizonte como cidades que não possuem história. Toda localidade tem sua história, por mais recente que esta seja. São Paulo, por exemplo, teve sua constituição pelos Jesuítas que fundaram um colégio no planalto de Piratininga; se tornou um importante centro econ mico com a expansão da cafeicultura no final do século XIX. Imigrantes chegaram de vários países para trabalhar nas lavouras e, mais tarde, no crescente parque industrial da cidade; a capital paulista é hoje o centro financeiro da América Latina⁶.

Também não se pode dizer que o parque é lugar são para crianç as; ele é um ambiente com muitas possibilidades de apropriação, como já discutido pelo gestor do mesmo.

O diretor de DI não informou se já houve anteriormente algum projeto com o objetivo de promover o parque, mas disse que existe um atualmente envolvendo quatro Secretarias que contemplará o Arruda Câmara. Sem entrar em detalhes, ele falou que será um roteiro que terá como ponto final o parque, o qual representar  a parte de lazer.

Indagado se este projeto irá utiliza-lo para educar os turistas, o mesmo disse que não faz parte do plano; mas que tem o intuito de aumentar a visitação do parque. Pelo que pode-se compreender, esse projeto não tem o objetivo de tornar o parque um atrativo de destaque da cidade, não será esse o foco, servirá apenas como um componente de apoio ao roteiro.

⁵ A partir deste momento mencionado apenas como chefe de DFPT para facilitar a leitura.

⁶ Informa es obtidas no site: <http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/a-cidade-de-sao-paulo> - Acesso em 29/08/2013

Sobre as formas de divulgação pela SETUR, não existe nenhum material gráfico sobre o parque. Vai existir com a execução do projeto no qual ele está inserido. Mas o diretor afirma que, verbalmente, em feiras e eventos, é divulgado sim. Um tanto contraditório se divulgar um ponto da cidade em eventos turísticos sem se apresentar material publicitário; isso denota algum problema com o produto ou falta de posicionamento por parte da Secretaria, de interesse legítimo em promovê-lo.

O chefe de DFPT confirma que a divulgação realmente é muita pouca e que acontece mais informalmente, boca-a-boca. Ele indica o parque para aqueles casais acompanhados dos filhos, o que demonstra que ele considera-o um ótimo lugar para levar crianças para passear.

Como já mencionado, o parque é amplo em possibilidades de utilização, sendo capaz de atender todas as idades e diferentes públicos, para lazer, descanso e contemplação da natureza – parque infantil, zoológico e fauna, espaço para relaxar –, pesquisas – estudos sobre as espécies – e educação ambiental – museu, oca e trilhas. Este espaço rico em natureza e história vem sendo subutilizado e talvez, ainda, pouco vislumbrado pelos próprios gestores públicos atuantes no órgão turístico do município – a SETUR.

Cabe ainda esclarecer que se houvesse uma maior interação entre as Secretarias do Meio Ambiente (SEMAM) e de Turismo (SETUR), o Parque seria melhor promovido. A SEMAM conta com material impresso que mostra o mapeamento das áreas verdes da cidade, incluindo o Parque Arruda Câmara e outros espaços interessantes de serem divulgados, que poderiam ser distribuídos nos Postos de Informações Turísticas. Dispõe ainda de um mapa de localização dos animais dentro do Parque, que da mesma forma poderia ser apresentado e disponibilizado ao público/turista.

Fica aqui, mediante as considerações feitas por quem vive a realidade diária do parque, seu gestor e seus usuários, e dos dois entrevistados da SETUR, a indicação de que este local pode proporcionar muito mais do que tem sido ali desenvolvido, pode atrair um público mais diverso do que o usual e, está devidamente adequado ao uso turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Roteiro turístico de João Pessoa está apoiado no seu Centro Histórico e nas praias, cuja maioria não está sequer localizada em seu território, mas em municípios vizinhos, como Conde, Jacumã e Pitimbu.

Propondo a ampliação desse roteiro, foi feita uma abordagem teórica sobre produtos turísticos, imagem e parques urbanos; já que a busca do homem por novos ambientes, causada pela correria do dia-a-dia, impulsiona a elaboração de produtos turísticos.

Os parques públicos urbanos correspondem a um dos espaços que vem ganhando importância para o turismo devido as recorrentes discussões sobre a degradação do meio ambiente e as formas de se minimizar esse problema. Sendo primariamente utilizado para o lazer e socialização da população e ter função estética, com sua apropriação pelo turismo adquiriram novas funções, sendo usados para a conscientização ambiental, atraindo turistas que apoiam a ideia da sustentabilidade, favorecendo a imagem das cidades. Cabe ao marketing identificar as motivações dos turistas e criar uma imagem positiva e real do destino a ser divulgada.

Nesse sentido, propôs-se a utilização do Parque Zoobotânico Arruda Câmara como atrativo de João Pessoa, no intuito de diversificar o roteiro existente, valorizar esse espaço tão rico e promover uma imagem relacionada à sustentabilidade e qualidade de vida. Pesquisou-se o porquê deste equipamento não ser divulgado pela Secretaria de Turismo municipal e não constituir um produto turístico da cidade.

As razões apresentadas pela SETUR para anos de pouca divulgação - a sua falta de estrutura: um espaço sujo e com mau cheiro – e que não atinge de forma eficiente o turista não convence ao planejador em turismo. A falta de estrutura não justifica o desinteresse do órgão pelo equipamento. Do contrário, este espaço configura-se em um diferencial que deve ser mais bem cuidado, equipado e vislumbrado, para atrair o público e satisfazê-lo. O local é mais uma possibilidade de sucesso para o uso turístico, podendo ainda, atrair outros públicos que não o de sol e mar, ou o de negócios, que são o atual e o pretendido público da proposta turística da capital paraibana hoje.

Verificou-se que nunca houve projetos turísticos contemplando o parque e o que agora se apresenta não busca tornar este espaço um atrativo singular, motivador principal da visita, mas tão somente como um componente para lazer ao final do roteiro que será criado.

Cabe considerar, finalmente, que a utilização do Parque Arruda Câmara como um atrativo é bom para todos os envolvidos: para o crescimento da cidade com uma maior diversidade de atrativos a serem ofertados; para o parque que receberia mais investimentos e seria mais valorizado por suas possibilidades de apropriação; para a sociedade que tem nele um instrumento de educação ambiental; e principalmente para a preservação da biodiversidade existente que receberia mais cuidados. Além de poder ser um componente de formação da imagem de João Pessoa, aliada a preocupação ambiental.

REFERÊNCIAS

- BENINI, Sandra Medina; MARTIN, Encarnita Salas. “Decifrando as áreas verdes públicas”. **Revista Formação**, vol. 2. nº 17. p. 63 – 80. Presidente prudente, 2010.
- CAROPUSSO, Danúbia; MATIAS, Lindon Fonseca. “Áreas verdes urbanas: avaliação e proposta conceitual”. **1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo**. Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/71-87danubia.pdf>. Acesso em: 18/07/13.
- FERREIRA, Adjalme Dias. **Efeitos positivos gerados parques urbanos: o caso do Passeio público da cidade do Rio de Janeiro**. Niterói, 2005.
- GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. “A imagem dos destinos turísticos urbanos”. **Revista eletrônica de turismo cultural**, número especial. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/aimagem.pdf>. Acesso em: 03/07/2013.
- KOTLER, Philip; GERTNER, David; REIN, Irving; HAIDER, Donald. **Marketing de lugares: como conquistar crescimento de longo prazo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Prentice Hall, 2006.
- LOBODA, Carlos Roberto; ANGELIS, Bruno Luiz D. “Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções”. **Revista Ambiência**. vol. 1. nº 01. p. 125 – 139. Guarapuava, 2005. MELO, Mariana, Inocêncio. O; DIAS, Karina e Silva. “Parques urbanos: práticas de lazer e turismo”. **IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo, 2012.
- RIBEIRO, Renata. M.; SILVEIRA, Marco. Aurélio. “Planejamento urbano, lazer e turismo: os parques públicos em Curitiba-PR”. **Revista Turismo – Visão e Ação**. vol. 8. nº 02. p. 309 – 321, 2013.

Recebido: 08/10/2015 – Aprovado: 20/12/2015